

A IMPORTÂNCIA DA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA PARA OS ESTUDOS TRADUTOLÓGICOS

Cêzar Katsumi Hirashima*

Resumo: O objetivo deste trabalho foi apresentar a relevância da tradução intersemiótica para os estudos tradutológicos que se encontram centrados na tradução interlingual. A tradução intersemiótica implica a revisão do conceito de tradução e a expansão do escopo dessa para o universo das linguagens. Os aspectos essenciais da tradução abordados neste estudo são: (1) a idéia da tradução como representação e, portanto, como signo; e (2) a presença de legi-signos como princípio constitutivo da tradução interlinguagens.

Palavras-chave: Tradução intersemiótica, linguagem, signo.

Muito embora a década de 1990 tenha sido caracterizada pela imensa quantidade de teorias da tradução, o estudo tradutológico não é algo recente. Desde Cícero, Horácio e São Jerônimo, há uma grande quantidade de escritos sobre a tradução com abordagens diversas, como as de cunho religioso, filosófico, literário, metodológico, científico etc. Contudo, diante da diversidade e da quantidade de pesquisas e teorias desenvolvidas acerca da tradução, relativamente pouco se discutiu até hoje a respeito da tradução intersemiótica. Provavelmente, o primeiro teórico que identificou e definiu esse tipo de tradução foi o lingüista e semioticista Roman Jakobson (1896-1982). Portanto, o estudo efetivo da tradução intersemiótica, valendo-se dessa denominação, possui uma história ainda recente dentro do contexto teórico dos estudos tradutológicos. Podemos afirmar que, até então, a grande maioria dos teóricos tratava a tradução apenas dentro do âmbito da lingüística, como um fenômeno limitado tão-somente aos signos verbais.

* Mestrando em Artes Plásticas na ECA-USP. Ex-aluno do curso de Letras-tradutor da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: cezarkatsumi@uol.com.br.

Na concepção de Jakobson, existem três tipos de tradução: a interlingual, a intralingual e a intersemiótica. Por tradução intersemiótica ou “transmutação” entende-se “como sendo aquele tipo de tradução que ‘consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais’, ou ‘de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, o cinema ou a pintura’, ou vice versa” (PLAZA, 2001, p. xi).

Em outras palavras, para Jakobson, esse tipo de tradução “envolve mensagens equivalentes em códigos diferentes”, ou, segundo Paul Valéry, ela consiste em “produzir efeitos análogos com meios diferentes” (in PLAZA; TAVARES, 1998, p. 210). O teórico da tradução Paulo Rónai (1981, p. 17) destaca a tradução intersemiótica como fenômeno recorrente em nosso cotidiano, definindo-a como “aquela a que nos entregamos ao procurarmos interpretar o significado de uma expressão fisionômica, um gesto, um ato simbólico, mesmo desacompanhados de palavras”.

Se a Roman Jakobson cabe o mérito da distinção e definição da tradução intersemiótica como fenômeno, a Julio Plaza cabe o mérito da fundamentação e o desenvolvimento de uma teoria sobre esse fenômeno aplicado ao campo das artes plásticas. A teoria de Julio Plaza (2001, p. xii) enfoca a tradução intersemiótica como “forma de arte” e “prática artística”, como ele mesmo definiu. Esse estudo surgiu a partir da necessidade de uma teoria que fomentasse a reflexão acerca das práticas artísticas que envolvem o trabalho com linguagens e meios diversos, tão recorrente em nossa contemporaneidade, e também da própria prática artística de longa data de Julio Plaza como artista multimídia.

Embora a tradução intersemiótica não tenha sido devidamente abordada por estudiosos na área da tradutologia, ela constitui a chave para decifrar o que há de essencial e de relevante no conceito de tradução, além de trazer à tona novas reflexões sobre assuntos já amplamente discutidos por teóricos da tradução até a atualidade. Ou seja, para que os estudos tradutológicos sejam realmente significativos e coerentes, eles devem incluir a reflexão sobre a tradução intersemiótica. Além disso, tendo em vista a grande variedade da natureza dos signos e que a esfera semiótica necessariamente inclui os signos verbais, é ao menos curioso o fato de a tradução intersemiótica ser tratada como exceção pelos teóricos, e não como regra. O fenômeno da tradução é algo muito mais abrangente do que a mera transposição de signos verbais, e, portanto, o seu estudo não deve se limitar a eles. Qualquer teoria da tradução que não se aplique à tradução intersemiótica é insuficiente e restrita.

Um estudo abrangente da tradução não deve se limitar ao âmbito das línguas naturais. É preciso ter em mente que a tradução ocorre no âmbito das linguagens ou sistemas sónicos. Não se trata, contudo, da linguagem tal como a concebemos na lingüística. A teoria da tradução intersemiótica implica a aceitação da existência de linguagens além da verbal, como a visual e a sonora. Com base nas reflexões de Émile Benveniste (1966) acerca da comunicação das abelhas, o lingüista Edward Lopes (1979) ressalta quatro características que diferenciam a comunicação animal da linguagem humana. Para ele, a comunicação animal não pode ser considerada linguagem, pois (1) a comunicação animal não é produto cultural; (2) a comunicação animal é invariável no tempo e no espaço; (3) a comunicação animal é composta de índices enquanto a linguagem humana é convencional; e (4) a comunicação animal não é articulada. Essa última característica refere-se ao fato de a linguagem humana poder ser de-

composta e analisada em unidades mínimas significativas, como fonemas e morfemas. Considerar como parâmetro da linguagem o fato de ela ser composta de fonemas e morfemas é restringi-la unicamente às manifestações verbais. Em vez disso, a tradução intersemiótica nos incita a repensar o conceito de linguagem, buscando o que há de realmente essencial e de comum nas diversas linguagens sem tomar como base o modelo verbal. Quanto a isso, Roman Jakobson (2004, p. 119) ressalta o seguinte:

Podemos reportar-nos à possibilidade de converter O Morro dos Ventos Uivantes em filme, as lendas medievais em afrescos e miniaturas, ou L'après-midi d'un faune em música, balé, ou arte gráfica. Por mais irrisória que possa parecer a idéia da Iliada e da Odisséia transformadas em histórias em quadri-nhos, certos traços estruturais de seu enredo são preservados, malgrado o desaparecimento de sua configuração verbal. O fato de discutir se as ilustrações de Blake para a Divina Comédia são ou não adequadas, é prova de que as diferentes artes são comparáveis. [...] Em suma, numerosos traços poéticos pertencem não apenas à ciência da linguagem, mas a toda a teoria dos signos, vale dizer, à Semiótica geral. Esta afirmativa, contudo, é válida tanto para a arte verbal como para todas as variedades de linguagem, de vez que a linguagem compartilha muitas propriedades com alguns outros sistemas de signos ou mesmo com todos eles (traços pansemióticos).

Além de nos permitir avaliar o que há de comum e essencial nas diversas linguagens, a tradução intersemiótica tem a capacidade de evidenciar as características singulares de cada linguagem ou sistema sígnico. Ou seja, cada linguagem compartilha características comuns com as demais, que a definem como linguagem, mas possui também propriedades singulares que não podem ser tomadas como parâmetro. Assim, as particularidades do modelo lingüístico não devem servir de regra para se determinar o fundamento da linguagem. Os parâmetros da linguagem devem partir da esfera semiótica, que abrange toda a multiplicidade de signos, incluindo o verbal. De acordo com a semiótica peirceana, nem todos os signos são arbitrários e convencionais, como são os signos verbais. O primeiro passo para se definir o conceito de linguagem é reconhecer a pluralidade dos signos e a sua capacidade de gerar e remeter a outros signos, constituindo um sistema. Dessa forma, utilizar o modelo lingüístico como base na determinação dos parâmetros de uma linguagem não é apropriado em termos metodológicos. Com esse modelo, corre-se o risco de não se saber distinguir o que é singular na linguagem verbal daquilo que é realmente universal em todas as linguagens. Portanto, é na semiótica que os estudos da linguagem, e conseqüentemente da tradução, devem buscar seus fundamentos. A respeito disso, Lucia Santaella (2001, p. 102) argumenta da seguinte forma:

Distinta e distante do modelo lingüístico está também a concepção de linguagem que pode ser extraída da teoria dos signos de Peirce. [...] Peirce trabalha não só com a noção de signo genuíno, mas também com a noção de signo degenerado ou quase-signo. De suas classificações resulta um grande número de misturas entre signos. Isso nos fornece uma grade flexível e multifacetada de possibilidades sígnicas que nos permite analisar como linguagens vários sistemas semióticos. Estes têm sua própria autonomia, não precisando se submeter ao modelo de língua para serem considerados linguagens.

A partir da teoria peirceana dos signos, Lucia Santaella (2001, p. 20) defende a existência de três matrizes da linguagem e do pensamento: a sonora, a vi-

sual e a verbal. Segundo ela, “há apenas três matrizes de linguagem e pensamento a partir das quais se originam todos os tipos de linguagens e processos sógnicos que os seres humanos, ao longo de sua história, foram capazes de produzir”.

Na busca de características essenciais a toda e qualquer linguagem, Saeta (2001. p. 79) chega aos seguintes parâmetros:

para funcionar como linguagem um sistema perceptivo deve conter legi-signos (organização hierárquica, sistematicidade), deve ser passível de registro, nem que seja o registro da memória (recursividade) e, sobretudo, deve ser capaz da metalinguagem (auto-referencialidade, metáfora).

Uma concepção de linguagem a partir desses parâmetros pode ser muito mais significativa para os estudos tradutológicos, já que admite a existência de uma multiplicidade de linguagens, como a linguagem da música, da pintura, do cinema, dos quadrinhos etc. Além disso, tendo em vista os inúmeros fenômenos intersemióticos, ela permite-nos constatar o fato de que a prática da tradução está muito mais presente em nosso cotidiano do que imaginamos. Assim, o estudo da tradução ganha novas fronteiras e uma relevância ainda maior dentro do universo da arte e da ciência. Além disso, essa nova abordagem permite-nos comparar as diversas linguagens sem hierarquizá-las. Ou seja, a partir do momento em que se confrontam as diversas linguagens e se consideram os signos de acordo com o fundamento que lhes é peculiar, percebemos que não há como estabelecer se uma linguagem é melhor do que a outra por natureza.

Embora a linguagem verbal seja considerada “privilegiada” pelos lingüistas, há diversas situações nas quais ela se mostra menos adequada. Basta observar a sinalização de trânsito: se no lugar dos sinais estivessem palavras ou frases, certamente inúmeros acidentes iriam ocorrer. Além disso, apesar de a linguagem verbal nos permitir descrever alguém ou algo, ela jamais terá o mesmo poder indicial da fotografia. Por sua vez, nenhuma outra linguagem se presta mais à análise e às generalidades do que a linguagem verbal. Assim, muito mais do que promover a hierarquização das linguagens, a tradução intersemiótica nos permite reconhecer as semelhanças e as diferenças entre elas e constatar o fato de que todas possuem o seu devido valor e se complementam, formando uma totalidade harmônica da linguagem, tal qual os “cacos de um vaso”, como diria Walter Benjamin. Do ponto de vista da semiótica, embora os signos não sejam capazes de representar o seu objeto na sua totalidade, a multiplicidade de signos de naturezas diversas se complementam na representação do objeto nas suas diferentes facetas. Da mesma forma, as diversas linguagens não pretendem anular ou substituir umas às outras, mas se complementam para dar conta da natureza intersemiótica dos fatos tais como eles se apresentam a nós em nosso dia-a-dia.

Considerando o fato de que a tradução, por via de regra, implica o trabalho com as linguagens e não obrigatoriamente com as línguas naturais, torna-se necessário revisar a terminologia que utilizamos nas teorias da tradução. Assim, no lugar de termos como *língua de partida* e *língua de chegada* (ou *língua-fonte* e *língua-alvo*), seria muito mais adequado usarmos os termos *linguagem de partida* e *linguagem de chegada* (ou *linguagem-fonte* e *linguagem-alvo*), uma vez que a língua é necessariamente uma linguagem, mas a recíproca não é verdadeira. Note-se que, na língua inglesa, a mesma adequação dessa terminolo-

gia não seria necessária, pois a palavra *language* significa tanto língua quanto linguagem.

Sobretudo, a maior importância da tradução intersemiótica para os estudos tradutológicos reside no fato de ela conduzir-nos a uma reflexão sobre o próprio conceito de tradução. Falar sobre tradução intersemiótica é revolver praticamente tudo que já foi discutido sobre a tradução e buscar novas respostas. Muitas das discussões que são consideradas tradicionalmente indispensáveis a um estudo da tradução não parecem ser relevantes à tradução intersemiótica. Isso ocorre por não se tratar de características essenciais à tradução, mas de particularidades da tradução interlingual. É o caso, por exemplo, da questão da literalidade e liberdade. O que é ser literal em uma tradução intersemiótica? O que é “domesticar” e “estrangeirizar” em se tratando de tradução intersemiótica? Logicamente, trata-se de questões importantes para a tradução interlingual, mas elas não constituem o que há de essencial no conceito de tradução. Talvez a tradução intersemiótica seja a evidência de que muitos modelos prescritivos da tradução desenvolvidos até agora, que buscam estipular o que é ou como deve ser a tradução, não são universais e necessitam ser repensados.

Em outras palavras, a tradução interlingual não pode ser tomada como modelo para se determinar o que é a tradução. A tradução intersemiótica, por ser mais abrangente e incluir todas as possibilidades signíficas, constituiria até um modelo muito mais apropriado para esse fim. Entretanto, nenhuma das três categorias de tradução deve prevalecer sobre as outras. Um estudo da tradução coerente e abrangente, que realmente busque a essência da tradução, deve, de modo obrigatório, incluir os três tipos de tradução, sem exceção, desde o mais abrangente (tradução intersemiótica) até o mais restrito (tradução intralingual). Assim, reiteramos a nossa posição de que a tradução intersemiótica não deve ser jamais tratada como caso à parte. De modo similar, seria metodologicamente incorreto tomar um pequeno grupo social como exemplo e afirmar que toda a humanidade se comporta daquela maneira. É somente considerando a humanidade como um todo e observando as características das mais diversas tribos e sociedades que podemos traçar o que é comum e essencial na natureza do homem como ser social.

Resta saber qual é a essência da tradução que reside em toda e qualquer tradução e, portanto, a todo e qualquer ato tradutório. Não há nada mais essencial na tradução do que a idéia de representação. Aliás, essa é a essência mesma da linguagem. Não se deve confundir a tradução com o seu original. Necessariamente, toda tradução será sempre uma representação do seu “original”. Ela está no lugar do “original”, e, portanto, eles não são a mesma entidade. Assim, em sentido amplo, a tradução é o signo do seu “original”. Podemos aliás dizer que todo signo é a “tradução” do seu objeto. Essa lógica também nos permite considerar toda semiose como um processo tradutório: um signo que se traduz em outro. Sendo assim, a tradução está muito mais presente em nossa vida do que imaginamos. O nosso próprio pensamento é um contínuo processo tradutório. Da mesma forma, a tradução é o germe que possibilita toda e qualquer comunicação. Em relação a isso, Julio Plaza (2001, p. 18-19) afirma:

Por seu caráter de transmutação de signo em signo, qualquer pensamento é necessariamente tradução. Quando pensamos, traduzimos aquilo que temos presente à consciência, sejam imagens, sentimentos e concepções (que, aliás, já são signos ou quase-signos) em outras representações que também servem

como signos. Todo pensamento é tradução de outro pensamento, pois qualquer pensamento requer ter havido outro pensamento para o qual ele funciona como interpretante. [...] Se no nível do pensamento “interior” a cadeia semiótica se institui como processo de tradução e, portanto, dialógico, o que dizer daquela que se instaura no intercâmbio entre emissor e receptor como entidades diferenciadas? Neste caso, o pensamento, que já é signo, tem de ser traduzido numa expressão concreta e material de linguagem que permita a interação comunicativa.

Sendo a tradução, em seu sentido amplo, apenas um signo, ela jamais poderá ser totalmente “fiel” ao seu “original”, uma vez que o signo só é capaz de representar seu “original” parcialmente. A respeito disso, é relevante a observação de Maria Tymoczko (1999, p. 55) de que a tradução, por definição, é metonímica. Ou seja, trata-se de “uma forma de representação em que partes ou aspectos do texto fonte vêm a representar o todo”. Assim, embora o receptor deseje que a tradução seja o próprio “original” em sua plenitude, ela será sempre a representação de partes do seu “original”. Sendo assim, a tradução estaria geneticamente condenada à “infidelidade”. Não cabe, portanto, julgá-la por esse parâmetro. Essa abordagem semiótica da tradução liberta-a de sua obrigação de “fidelidade”, já que esclarece que o “original” e a “tradução” encontram-se eternamente separados pela distância semiótica entre o “objeto” e o “signo” e, portanto, não devem ser confundidos. Além disso, do ponto de vista da semiótica, embora a tradução (signo) seja determinada pelo seu “original” (objeto), esse se encontra irreversivelmente preso a um passado inalcançável. No processo de semiose, estamos sempre no meio do caminho (signo: presente) entre o objeto (passado) e o interpretante (futuro), ou seja, o signo que será gerado na mente do intérprete. A semiose sempre caminha, em sentido único, para o futuro. Não há como seguir pelo sentido inverso: a partir do momento em que pensamos no “original” (objeto), ele já se transformou em um signo e, portanto, em uma tradução.

Na teoria da tradução, o termo tradução diz respeito, em seu sentido restrito, ao texto ou obra traduzida, além de referir-se também ao processo, ou melhor, a toda seqüência de operações que ocorre na passagem de uma obra da língua(gem) de partida para a língua(gem) de chegada. Segundo Dinda Gorfée (1994, p. 67), esse processo de tradução implica uma dupla incidência de semiose. A primeira, de natureza hermenêutica, refere-se ao ato interpretativo cujo movimento parte de fora para dentro do tradutor. A segunda diz respeito ao processo de transferência da mensagem reconfigurada cujo movimento ocorre de dentro para fora do tradutor. Todo esse processo tradutório, necessariamente, é governado por leis ou, utilizando uma terminologia semiótica mais apropriada, por legi-signos. O legi-signo é “uma lei que é um signo” (PEIRCE, 2003, p. 52).

Ou seja, trata-se do signo cujo fundamento é a lei, o hábito ou a regra. Em vez da noção restrita do código convencional, adotada freqüentemente pelas teorias de tradução que se fundamentam na tradução interlingual e, portanto, na lingüística, a idéia do legi-signo é muito mais apropriada para o estudo abrangente de todos os tipos de tradução e de linguagem, já que ela implica a noção de regularidade, que nem sempre é de caráter convencional. Segundo Peirce (2003, p. 52), “todo signo convencional é um legi-signo, porém a recíproca não é verdadeira”. É por causa do legi-signo que a linguagem possui a sua regularidade e previsibilidade. Embora a linguagem verbal seja um exemplo evi-

dente de sistema de legi-signos, todas as linguagens são compostas por legi-signos. É também o legi-signo que, no processo tradutório, promove a “invariância na equivalência entre dois signos” (PLAZA, 2001, p. 72). Sem os legi-signos, não haveria linguagem ou sistema signico, muito menos nenhuma possibilidade de tradução interlinguagens (traduções intersemiótica, interlingual e intralingual). É o legi-signo que oferece a regularidade na geração de interpretantes. Sem essa tendência de gerar os mesmos interpretantes, o signo estaria apto a produzir qualquer interpretante, uma palavra significaria qualquer coisa e, assim, nenhum tipo de comunicação poderia ser estabelecido. O legi-signo, portanto, constitui a essência da linguagem e da tradução em nível sistêmico.

Muitos são os aspectos que necessitam ser revistos pela teoria da tradução de modo que esta inclua a tradução intersemiótica. Buscamos apresentar aqui, embora de forma simplificada, apenas alguns dos aspectos essenciais que tratassem a tradução a partir da sua natureza constitutiva. Contudo, tendo em vista esse novo universo da tradução que se abre diante de nós, um estudo realmente abrangente desse fenômeno não poderá ser realizado individualmente, mas somente com a colaboração de especialistas nas diversas linguagens, como já anunciara Julio Plaza (2001, p. xxii). Há ainda um longo caminho a ser desbravado. Ou então, resta-nos permanecer eternamente dentro dos limites em que a tradução interlingual durante séculos nos tem confinado.

CONCLUSÃO

A tradução intersemiótica implica uma revisão do conceito de tradução cujo estudo se encontra centrado na tradução interlingual. Considerando o fato de que a tradução é um fenômeno intersemiótico e não somente interlingual, torna-se necessário encontrar o que há de essencial na tradução de modo que o seu estudo não exclua a tradução intersemiótica. Assim, primeiramente, o estudo da tradução não deve se confinar no âmbito das línguas naturais, mas expandir o seu escopo para o universo das linguagens.

Em relação à essência da tradução, podemos observar: (1) considerando a tradução em sentido amplo, o seu fundamento é a idéia de representação; assim, a idéia de tradução coincide com o conceito de signo, ou seja, a tradução será sempre um signo de seu “original”; (2) considerando a tradução em sentido restrito, ou seja, como um fenômeno interlinguagens, o seu fundamento é o legi-signo; o legi-signo é também a essência que possibilita a existência de linguagens e o processo tradutório; é, portanto, o que há de essencial na linguagem e na tradução em nível sistêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: HEIDERMAN, W. *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC, 2001.

BENVENISTE, Émile. Communication animale et langage humain. In: _____. *Problème de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.

GORLÉE, Dinda. *Semiotics and the Problem of Translation*. Amsterdam: Rodopi, 1994.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa e método*. São Paulo: Cultrix, 1976.

- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- PLAZA, Julio; TAVARES, Monica. *Processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- RÔNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira, 2000.
- _____. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- TYMOCZKO, Maria. The metonymics of translation. In: _____. *Translation in a Postcolonial Context*. Manchester: St. Jerome, 1999.

HIRASHIMA, C. K. The importance of intersemiotic translation for the translation studies. *Todas as Letras* (São Paulo), ano 7, n.2, p. 82-89, 2005.

Abstract: The aim of this work was to present the relevance of the intersemiotic translation to the translation studies that has been focused on interlingual translation. Intersemiotic translation involves the review of the concept of translation and the expansion of its limit toward beyond the universe of natural languages. The essential aspects analysed in this study are: (1) the idea of translation as representation and, therefore, as a sign; and (2) the presence of legi-signs as a constitutive principle of interlanguage translation.

Keywords: Intersemiotic translation; language; sign.